

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS: UM PARALELO DA CULTURA LÚDICA ENTRE O BRASIL E ANGOLA

Welândia Carvalho dos Santos Inácio¹
Maria Clemência Pinheiro de Lima Ferreira²

Resumo:

Os brinquedos e brincadeiras tradicionais fazem parte de todas as culturas, estão presentes no cotidiano de várias pessoas e são transmitidos de geração em geração. Este trabalho tem como objetivo geral, investigar a cultura lúdica no Brasil e em Angola; os objetivos específicos foram estabelecidos da seguinte maneira: conceituar o que é cultura lúdica tradicional analisando como as brincadeiras e os brinquedos folclóricos se relacionam com este universo; identificar as influências africanas na colonização do Brasil, especificamente a partir da Angola no que diz respeito à cultura lúdica tradicional; estabelecer relações de aproximações e distanciamentos quanto à cultura lúdica tradicional entre o Brasil e Angola. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, acompanhada de estudo de campo com coleta de dados por meio de questionário, junto a angolanos e brasileiros (baianos). O resgate dos brinquedos e brincadeiras tradicionais é uma forma de valorizar a cultura lúdica de um povo e os nossos antepassados, pois eles estão caindo em esquecimento devido à influência da tecnologia que tem mudado os modos de brincar e a urbanização dos espaços acompanhada de todas as suas consequências exacerbadas. Percebemos que na cultura angolana o lúdico tradicional está muito mais presente que na cultura brasileira e que há uma grande influência da cultura lúdica angolana nos brinquedos e brincadeiras tradicionais brasileiras.

Palavras-chave: cultura lúdica; brinquedos tradicionais; Brasil e Angola.

INTRODUÇÃO

Os brinquedos e brincadeiras tradicionais são uma construção cultural transmitida pela família e comunidade que fazem parte do universo infantil, da cultura popular e são transmitidos verbalmente de geração a geração.

Segundo Kishimoto (2006 apud MARINI; TEIXEIRA, 2014):

[...] a tradicionalidade e universalidade, características das brincadeiras, nos demonstram que os povos antigos brincavam de vários jogos que foram vivenciados por nossas gerações anteriores, por isso são consideradas tradicionais. (KISHIMOTO, 2006 apud MARINI; TEIXEIRA, 2014, p.11).

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA

² Mestre em Educação. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

Resgatar os brinquedos antigos é relevante uma vez que reflete a cultura popular e valoriza nossos antepassados, além de provocar uma reflexão acerca da construção dos brinquedos que tanto exercitam a imaginação, a criatividade e contribuem para a perpetuação da nossa história.

A colonização brasileira e a angolana ocorreram quase que simultaneamente pelos portugueses; coincidentemente e naturalmente herdamos elementos comuns desta cultura. A curiosidade em produzir uma pesquisa sobre esta temática surgiu a partir de uma experiência vivenciada no Projeto de extensão acadêmica, denominado EDUKA + ANGOLA, com duração de 22 dias em janeiro de 2018, quando uma equipe de acadêmicos esteve envolvida diretamente com crianças angolanas. Estas brincavam e construíaam seus brinquedos com uma precariedade de material que nos chamou atenção, pois era visível o interesse e a empolgação delas pelos objetos fabricados artesanalmente. Foi possível perceber alguns elementos lúdicos paralelos entre os objetos criados por estas crianças e aos brinquedos tradicionais do Brasil, mas que na atualidade pouco têm sido encontrados ou confeccionados pelas crianças brasileiras.

O desafio de observar o lúdico em um país e no outro, nos desperta um sentimento de resgate da história, no sentido de que não devemos deixar com que a cultura tradicional se perca, apesar das mudanças nos modos de brincar frente ao avanço tecnológico.

Este trabalho tem como objetivo geral, investigar a cultura lúdica no Brasil e em Angola. Os objetivos específicos foram estabelecidos da seguinte maneira: conceituar o que é cultura lúdica tradicional analisando como as brincadeiras e os brinquedos folclóricos se relacionam com este universo; identificar as influências africanas na colonização do Brasil, especificamente a partir da Angola no que diz respeito à cultura lúdica tradicional; estabelecer relações de aproximações e distanciamentos quanto à cultura lúdica tradicional entre o Brasil e Angola.

Este trabalho caracteriza-se como pesquisa quantitativa e qualitativa, sendo que a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, acompanhada de estudo de campo com coleta de dados por meio de questionário, junto a angolanos e brasileiros (baianos).

1. A relação das brincadeiras e brinquedos folclóricos com a cultura lúdica.

O folclore pode ser encontrado em diversos espaços e lugares, como em livros, histórias tradicionais, contos, provérbios, canções e nas tradições dos povos como jogos, danças e brincadeiras. Ele está enraizado em nossas vidas e tem grande influência em nosso jeito de pensar, sentir e agir. Na infância ouvíamos as histórias contadas por nossos avós e fomos embalados por canções de ninar como: “Dorme Nenê”, “Boi da cara preta”, entre outras. Os meninos aprendem o folclore espontaneamente em brincadeiras de pique pega ou de soltar pipas, e as meninas, ao pularem corda ou brincarem de roda. No Brasil, o folclore recebeu influência do índio, branco e negro que, quando se misturaram, deram origem a diferentes culturas se espalhando pelo país (HANSEN; WEBER, 2009).

Para Kishimoto (1993) as brincadeiras tradicionais infantis estavam no cotidiano das crianças e a rua era um espaço de aproximação entre elas, os adultos e os vizinhos, porém algumas brincadeiras como o pião e os jogos com bola eram atribuídas para as pessoas ignorantes e grosseiras e que a classe dominante não podia praticá-las; esta atitude tão rígida era por causa da tradicional moralidade da classe eclesiástica do passado, que não aceitava estes jogos, por serem vistos como imorais e violentos.

A autora afirma que os brinquedos e as brincadeiras estão interligados ao folclore da cultura de um povo, porém com características desconhecidas por não se saber quem são os seus criadores; estas brincadeiras possuem características de anonimato, tradição, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade, porém, ainda que seja muito difícil e desafiador, é possível rastrear o surgimento de algumas brincadeiras através do tempo e chegar à origem do povo onde esta surgiu.

Para Marini e Teixeira (2014), os brinquedos e as brincadeiras tradicionais fazem parte do universo infantil e da sua cultura; e elas são transmitidas de geração em geração pelos familiares e pela convivência com os outros. Esta cultura lúdica são expressões privilegiadas na infância, pois representam o mundo como ela o compreende, relembra, contesta, dramatiza e experimenta.

É no convívio com as brincadeiras tradicionais que percebemos a marca da cultura passada de geração a geração: o avô brincou, passou para o pai que ensinou para o filho, e neste percurso, algumas coisas vão sendo modificadas, como exemplo o

nome, as regras e o jeito de brincar (TEIXEIRA, 2006, *apud* SILVA; GONÇALVES; ARAUJO, 2009).

Conforme Santos (1997, *apud* COSMO; CONTE, 2009) os jogos e as brincadeiras tradicionais ainda mantêm a universalidade e tradicionalidade, ou seja, com a mesma estrutura inicial de quando foram criados. Em algumas culturas, mantém-se a estrutura inicial, porém com modificações feitas pela transmissão oral, surgindo alterações e adaptações ao contexto em que a brincadeira está ocorrendo; do mesmo modo há a inclusão ou a eliminação de elementos de acordo com o momento em que a brincadeira é vivenciada.

Brougère (1998, *apud* RABÊLLO, 2014) caracteriza a cultura lúdica como um conjunto vivo e diversificado de todos os elementos da vida, relacionando aos recursos disponíveis, hábitos, esquemas, regras e procedimentos que tornam o jogo possível, ou seja, a construção do faz de conta. Com isto, a cultura lúdica é constituída pelo cotidiano da criança e o meio em que ela está inserida envolvendo atividades lúdicas como jogos vividos, atividades artísticas, festa, brinquedo, que contribui para a imaginação e a criatividade sendo estas características do brincar.

De acordo com Kishimoto (1993) a cultura lúdica popular e as brincadeiras tradicionais, sendo manifestações livres e espontâneas, têm a função de perpetuar a cultura lúdica infantil, pois desenvolvem formas de convivência social e permitem o prazer de brincar.

Os jogos e as brincadeiras de rua estiveram presentes por muito tempo no meio dos pequenos grupos, criando uma cultura lúdica própria, inclusive na elaboração de brinquedos que eram confeccionados pelas próprias crianças, neste sentido a cultura lúdica é integrante da cultura infantil que é produzida igualmente pela criança. Esta é um aprendizado que acontece de forma ativa, por meio da família e dos grupos nos quais as crianças estão inseridas. Este aprendizado se dá desde o primeiro contato quando a criança interpreta a brincadeira até a sua prática, quando a reproduz. (BROUGÈRE, 2011, *apud* MONTEIRO; DELGADO, 2014).

2. Influências da cultura lúdica tradicional: Angola & Brasil

Kishimoto (1993) afirma que por falta de documentação não se pode comprovar a data de chegada dos negros ao Brasil, porém é natural que nossa cultura tenha grande influência dos negros em todas as áreas. O folclore africano é repleto de estórias de bichos e lendas; nos registros de imagens vemos crianças negras na época da escravidão, nos engenhos de açúcar brincando de faz-de-conta com ênfase nas atividades do cotidiano bem como situações do patriarcalismo e do sistema de transporte que era feito com muita brutalidade. Algumas brincadeiras de influência africana são preservadas até hoje pela cultura infantil, como: chicotinho, quente e frio, batata quente e jogo do belisco. A autora ressalta que a grande questão colocada por folcloristas é se as crianças africanas, trazidas juntamente com as mães escravizadas para o Brasil, tiveram ambiente para repetir as brincadeiras do continente negro, ou aceitaram e adotaram as brincadeiras locais, vividas por outros meninos.

Para Cascudo (1958, *apud* KISHIMOTO 1993), a criança africana aceitava depressa a ludicidade que o ambiente lhe permitia. Brincava com o material que tinha mais próximo, possivelmente conservando a técnica africana ou aceitando a local. Entretanto na cultura oral deixavam-se marcas, pois a mãe-preta transmitia para crianças as estórias de sua terra, os mitos, os contos e as lendas.

Segundo Bernardes (2006) ao cantarem as canções de ninar de origem portuguesa, as mães africanas modificavam-nas, colocando, a mula-sem-cabeça, a cuca, o lobisomem, as almas penadas, o boitatá, o Saci-Pererê, ao em vez do papão, sendo cantadas para crianças choronas das casas grandes e senzalas. Já a linguagem infantil foi amolecida pela ação da ama negra, que redobrou a sílaba tônica dando às palavras um especial encanto como: dodói, bumbum, caca, mimi, pipi, dindinho, neném, tatá.

Esta cultura oral evoluiu, juntando-se com outros elementos, porém permaneceu deixando o traço marcante do africano. E como as mães-preta transmitiam aos filhos tudo sobre a cultura africana, provavelmente tais elementos continuaram presentes na cultura lúdica infantil, complementa Kishimoto (1993).

Luckesi (2005, *apud* RABÊLLO, 2014) afirma que a ludicidade é como um estado interno da consciência que envolve pensamentos, sentimentos e ações. Sendo

assim, a ludicidade decorre do mundo interno de cada um em resposta às atividades externas aprendidas socialmente no convívio com o outro.

Rabêllo (2014) apresenta a cultura como um sistema de símbolos e significados compartilhados e que podem ser interpretados. Afirmamos que esta cultura é lúdica quando se aproxima de aspectos que são característicos dos jogos, brincadeiras e também de rituais como festas ou a dança da capoeira. O autor ressalta que a capoeira foi reconhecida como patrimônio cultural brasileiro, pois ela é um exemplo de ludicidade que veio da cultura angolana e se instalou no Brasil, principalmente no estado da Bahia. A capoeira vem sendo discutida nos trabalhos acadêmicos como orientação para a compreensão da cultura da matriz africana. Com isto, o seu potencial lúdico e estético levou o autor a relacionar estas dimensões com a própria construção da identidade cultural na Bahia e em Angola e discutir princípios, valores e modos.

Por meio do jogo da capoeira, as pessoas se apropriam da cultura tradicional africana, com seus valores e suas formas simbólicas. Um trabalho de pesquisa realizado na Bahia e em Angola revelou a noção de identidade cultural relacionada com a estruturação da identidade pessoal, com a tradição ancestral africana. Em Angola a capoeira utilizada por eles é a regional por conter algumas características como: é mais rápida, mais alta, com menos contato, é aeróbica e tem o seu estilo e eles praticam como forma de não esquecer a tradição. Na Bahia, a capoeira é utilizada como um importante fator de identidade cultural, contribuindo para que o ser humano se relacione melhor com a vida e com os outros. A capoeira revela a cultura lúdica e é rica de significados permitindo a compreensão da sociedade baiana, a qual possui uma cultura enraizada na matriz africana (RABÊLLO, 2014).

Os jogos e as brincadeiras tradicionais que foram popularizados no mundo inteiro, como a amarelinha, o pião, o jogo das pedrinhas, bolinha de gude, a pipa e outros, os quais chegaram ao Brasil por intermédio dos primeiros portugueses, porém já carregavam uma tradição europeia e, em terras brasileiras, receberam novas influências de outras culturas como a negra e a indígena (KISHIMOTO, 1993).

3. O lúdico no Brasil e em Angola: aproximações e distanciamentos.

Para o alcance do objetivo sobre estabelecer relações entre a cultura lúdica brasileira e a angolana, desta pesquisa, realizamos uma coleta de dados em campo por meio de questionário; todos os participantes possuem envolvimento com a cultura angolana e com a cultura brasileira. Fizemos um recorte destes participantes, sendo que em Angola a maioria deles são pessoas da região do interior, das províncias do Bié, Huambo e Huíla e, na tentativa de uma aproximação, a pesquisa com os brasileiros foi feita com pessoas naturais do estado da Bahia, por considerar este um local de maior ligação com a cultura angolana por consequência da colonização que explorava o trabalho escravo.

Coletamos dados por meio do questionário elaborado pelo Google, disponibilizando link para grupos de WhatsApp, sendo que outros foram contatados por número de telefone celular e ou por meio das mídias sociais. Alcançamos 14 participantes angolanos e 11 brasileiros, todos baianos, totalizando 25 respostas ao questionário, sendo a média da idade entre 25 e 65 anos.

A primeira pergunta feita aos participantes foi com relação aos brinquedos que estes tiveram acesso na infância de acordo com a cultura local. É possível visualizarmos os resultados na tabela 01.

Tabela 01: Brinquedos que os angolanos e brasileiros (baianos) tiveram acesso durante a infância.

Brinquedos Angolanos	Quantidade	Brinquedos Brasileiros	Quantidade
Carros de lata	07	Carrinhos	01
Carros (feitos com argila)	01	Carrinho de rolimã	01
Carros (feitos com areia)	01		
Boneco (feitos com argila)	02	Bonecos	02
Boneco (feitos com barro)	03	Bonecas	02
Bonecos de pano	03	Bonecas de pano	02
Bonecas	02	Boneca de espiga de milho	02
Bonecas (garrafa de vidro)	01		
Bonecas (espiga de milho)	01		
Bolas de futebol (feitas com meia)	01	Bola de futebol	04
Bola	03	Bola de gude ou biloca	03
Urso	01	Urso	01
Cordas	03	Cordas (feitas de cipó)	01
Andador de lata	01	Pé de lata	01
Papagaio de saco plástico	02	Pipa	04
Peão	01	Pião	03

Bicicleta	01	Bicicleta	02
Trote	01	Dominó	01
Canoa de bimba	01	Animais (de frutas do mato)	01
Dama	01	Estilingue	01
Tampas de garrafa de refrigerante	01	Fazendinha (animais feitos com manga verde)	01
Fogão de lata	01	Cavalinho de madeira	01
Garrafas	02	Elástico	03
Pedrinhas da wela	01	Coleção de papel de cartas	01
Arcos	01	loiô	01
Barquinhos de caixa	01	Panelinhas de barro	01
Avião de papel	01	Bambolê	01
		Panelas de tampas de garrafas	01
		Materiais recicláveis (garrafa, lata e outros)	01
		Peteca (feitas com couro de bode e pena de galinha)	01
TOTAL	45	TOTAL	44

Conforme a tabela 01 é possível identificar que o número de brinquedos citados pelos angolanos foi 45 e o número de brinquedos citados pelos brasileiros 44. Dentre os brinquedos angolanos, o carro de lata apareceu 07 vezes, carros (feitos com argila) 01 vez, carros (feitos com areia) 01 vez, boneco (feitos com argila) 02 vezes, bonecos (feitos com barro) 03 vezes, bonecos de pano 03 vezes, bonecas 02 vezes, bonecas de garrafa de vidro 01 vez, bonecas de espiga de milho 01 vez, bola de futebol (feita com meias) 01 vez, bola 03 vezes, urso 01 vez, corda 03 vezes, andador de lata 01 vez, papagaio de saco plástico 02 vezes, peão 01 vez, bicicleta 01 vez, trote 01 vez, canoa de bimba 01 vez, dama 01 vez, tampas de garrafa de refrigerante 01 vez, fogão de lata 01 vez, garrafas 02 vezes, pedrinhas da wela 01 vez, arcos 01 vez, barquinhos de caixa 01 vez, avião de papel 01 vez,

Nos dados dos brasileiros o carrinho apareceu 01 vez, carrinho de rolimã 01 vez, bonecos 02 vezes, bonecas 02 vezes, bonecas de pano 02 vezes, boneca de espiga de milho 02 vezes, bola de futebol 04 vezes, bola de gude ou biloca 03 vezes, urso 01 vez, cordas (feitas de cipó) 01 vez, pé de lata 01 vez, pipa apareceu 04 vezes, pião 03 vezes, bicicleta 02 vezes, dominó 01 vez, animais (feitos com frutos do mato) 01 vez, estilingue 01 vez, fazendinha (animais feitos com manga verde) 01 vez, cavalinho de madeira 01 vez, elástico 03 vezes, coleção de papel de cartas 01 vez, loiô 01 vez, panelinhas de

barro 01 vez, bambolê 01 vez, painéis de tampas de garrafa 01vezes, materiais recicláveis (garrafa, latas etc.) 01 vez, peteca (feita de couro de bode e pena de galinha) 01 vez.

O total de brinquedos citados foi 89.

Segundo a literatura, os registros em relação aos brinquedos das crianças africanas foram raros, afirma Cascudo (1985, *apud* CUNHA, 2016) o que nos leva a considerar que elas se adequaram rapidamente com a cultura lúdica conforme o que o ambiente lhes proporcionava. Ao analisarmos os objetos citados, podemos perceber que há aproximações e distanciamentos entre a cultura brasileira e a angolana. Isto acontece tanto na função quanto no formato.

Por exemplo: o carrinho apareceu nas duas culturas, sendo que na cultura angolana, identificamos os formatos em materiais como argila, barro e lata; os carrinhos que apareceram na lista do Brasil não têm especificação do tipo de material utilizado, pode ser que o participante tenha se referido ao plástico ou à madeira, ou até mesmo a um dos materiais que coincidem com os da Angola.

Outro brinquedo em que percebemos semelhança entre as duas culturas são as bonecas (os); observamos que os materiais utilizados pelos brasileiros para confecção deste brinquedo (milho e pano) são semelhantes a alguns dos citados pelos angolanos (argila, barro, pano e vidro) com uma diversidade de materiais. Cosmo e Conte (2009) nos fala que quando a criança constrói o próprio brinquedo com materiais recicláveis ou sucata, usa suas habilidades manuais e a criatividade, deixando assim o brinquedo mais significativo. Ao participar do projeto EDUKA+ANGOLA em janeiro de 2018 percebemos algumas bonecas feitas pelas meninas angolanas, os materiais eram diversos e a criatividade fluía, constatamos também que independente dos materiais utilizados para a sua confecção, estes brinquedos são utilizados pelas crianças das duas culturas com a mesma função, que é brincar de casinha.

O mesmo acontece com a bola, que na cultura angolana é confeccionada com meias, já na cultura brasileira não foi descrito o tipo de material para a confecção destas bolas, acreditamos que sejam de materiais industrializados. Independente disto, este brinquedo é um fascínio entre as culturas, não importa se é pobre, rico, negro ou branco, ela tem um poder mágico de colocar o corpo em movimento, pois ao rolar, pular e voar

ela nos prova que o brincar está enraizado no corpo do ser humano, afirma Rasmussen, (2003, *apud* KISHIMOTO, 2007).

Já no caso das cordas na cultura angolana não foi citada que tipo de material eles utilizam, porém, no Brasil, o participante cita que a corda que ele utilizava era feita com cipó que é um tipo de planta trepadeira. Outro exemplo de semelhança é a pipa, que em Angola é chamada de papagaio e é feita de sacola plástica; no Brasil não foi citado o material, no entanto, de maneira geral, conhecemos a pipa feita de papel de seda ou até mesmo de sacolas plásticas.

Os brinquedos, andador de lata, pião, e bicicleta foram citados nas duas culturas sem descrição dos materiais utilizados, e de acordo com Silva Gonçalves e Araújo (2009) esses brinquedos são oriundos de Portugal, isso indica que eles foram introduzidos nas duas culturas pela influência portuguesa.

Na cultura angolana foram citados 10 brinquedos que se distanciam dos brinquedos brasileiros, por exemplo: trote, canoa de bimba, fogão de lata entre outros, já nos brinquedos brasileiros percebemos que 13 não aparecem na lista dos angolanos. Este distanciamento indica a particularidade cultural dos dois povos; antes da chegada dos negros e portugueses ao Brasil já havia um povo nativo, os índios os quais tinham a própria cultura lúdica e que, segundo Silva, Gonçalves e Araújo (2009) influenciou a formação do lúdico tradicional brasileiro.

Mesmo com estes brinquedos que se distanciam, muitos outros comprovam a influência da cultura angolana sobre a brasileira com a chegada dos escravos (principalmente os bantus que são povos originários de Angola) ao Brasil, os quais trouxeram sua cultura e naturalmente foram adaptando-se às outras já existentes. Ximenes (2012) afirma que:

A importância de Angola como fornecedora de mão de obra escrava para o Brasil, durante todo o período que vigorou o tráfico de escravos, é inegável. Estimativas apontam que 4.863.070 africanos desembarcados compulsoriamente nas diversas regiões do Brasil, quase 70% (3.396.909) embarcaram dos portos da África centro-ocidental. Embora saibamos que o maior percentual dessa cifra tenha partido do porto de Luanda e aportado em diversos portos da América portuguesa, notadamente o do Rio de Janeiro, teve uma grande relevância no comércio transatlântico com o porto de Salvador. (XIMENES, 2012, p.13)

Com isto percebemos o quanto a cultura lúdica brasileira foi e é influenciada pela cultura lúdica angolana, com as suas danças, jogos, brinquedos e histórias.

As tabelas de 02 a 04 apresentam os resultados da segunda pergunta do questionário, ou seja, sobre quais as brincadeiras o participante teve acesso na infância dentro da sua cultura local. Alguns dos participantes descreveram o procedimento da atividade lúdica e outros apenas citaram o nome dela. Procuramos organizar as tabelas distribuindo cada uma das brincadeiras citadas pelas pessoas a partir de semelhanças e diferenças, bem como as que tiveram a descrição dos procedimentos e as que não tiveram.

Tabela 02: Brincadeiras angolanas e brasileiras com descrição e que apresentam semelhanças.

Brincadeiras Angolanas	Quantidade	Brincadeiras Brasileiras	Quantidade
Esconde e esconde ou escondidas	04	Pique esconde	07
Bica bidon (pique esconde)	05		
Bica lata (escondidas)	01		
Garrafinha (queimada)	05	Baleada (queimada)	02
35 vitória (queimada)	03		
Ó rosa da saia redonda	01	Apambu (brincar de roda)	01
Brincadeiras de roda	01	Brincadeiras de roda	05
Saltar corda	04	Pular corda	01
Semana (saltar corda)	01		
Futebol	04	Futebol	03
Bandeirinha	03	Bandeirinha	04
Cobra cega	01	Cobra cega	01
Fico ou ficou (pique pega)	02	Pique pega	01
Peçonha (pique pega)	01	Breia (pique pega)	01
Casinha de areia	01	Casinha	02
Raposa no meio da floresta	02	Mamãe de rua	02
Total	39	Total	30

Tabela 03: Brincadeiras angolanas e brasileiras com descrição e que não apresentam semelhanças.

Brincadeiras Angolanas	Quantidade	Brincadeiras Brasileiras	Quantidade
Sueca	01	Giribita	01
Dama	01	Elástico	02
Wela	03	Pé de lata	02
Não te irrite	01	Amarelinha (pula macaco)	02
Barquinhos de caixa	01	Dança da cadeira	01
Bonecos de barro	01	Morto vivo	01
Arco	01	Polícia e ladrão	02
		Golzinho	01
		Escolinha	01
Total	09	Total	13

Tabela 04: Brincadeiras apenas citadas pelos angolanos e brasileiros (baianos) – sem descrição

Brincadeiras Angolanas	Quantidade	Brincadeiras Brasileiras	Quantidade
Passarão	01	Soltar pipa	01
Onde moras tu	01	Andar de bicicleta	02
Metete e metete	01	Brincadeiras de rua	01
Olha o lenço deixa cair	01	Família rica e família pobre	01
Balanço	01	Pique cola	01
Zera	01	Comidinha	02
Somalha	02	Três cortes	01
Queimada	01	Boca de forno	01
Nguilini (peão)	01	Peteca	01
Jogos de borracha	01	Bola de gude ou biloca	01
Nadar no rio	01		
Caçar gafanhotos	01		
TOTAL	13	TOTAL	12

Conforme a tabela 02 é possível identificar que o número de brincadeiras descritas e que apresentam semelhanças são: 39 citadas pelos angolanos e entre elas estão a esconde e esconde ou escondidas que apareceu 04 vezes, a bica bidon 05 vezes, bica lata 01 vez, garrafinha 05 vezes, a 35 vitórias 03 vezes, ó rosa da saia redonda 01 vez, brincadeiras de roda 01 vez, saltar cordas 04 vezes, semana 01 vez, futebol 04 vezes, bandeirinha 03 vezes, cobra cega 01 vez, fico ou ficou 02 vezes, peçonha 01 vez, casinha de areia 02 vezes, raposa no meio da floresta 01 vez. E as

brasileiras foram 30, a pique esconde apareceu 07 vezes, baleada 02 vezes, apambu 01 vez, brincadeiras de roda 05 vezes, pular corda 01 vez, futebol 03 vezes, bandeirinha 04 vezes, cobra cega 01 vez, pique pega 01 vez, breia 01 vez, casinha 02 vezes, mamãe de rua 02 vezes.

Na tabela 03 apresentamos as brincadeiras brasileiras e angolanas que tiveram descrição, porém não houve semelhança entre elas. Os angolanos citaram 09, onde a sueca apareceu 01 vez, a dama 01 vez, a wela 03 vezes, não te irrite 01 vez, barquinhos de caixa 01 vez, bonecos de barro 01 vez, arco 01 vez. Já os brasileiros citaram 13 brincadeiras e elas são: giribita apareceu 01 vez, elástico 02 vezes, pé de lata 02 vezes, amarelinha ou pula macaco 02 vezes, dança da cadeira 01 vez, morto vivo 01 vez, polícia e ladrão 02 vezes, golzinho 01 vez, escolinha 01 vez.

A tabela 04 apresenta as brincadeiras que foram apenas citadas pelos participantes sem descrição. Os angolanos citaram 13 brincadeiras, sendo elas: passarão apareceu 01 vez, onde moras tu 01 vez, mete e mete 01 vez, olha o lenço deixa cair 01 vez, balanço 01 vez, zera 01 vez, somalha 02 vezes, queimada 01 vez, Nguilini (peão) 01 vez, jogos de borracha 01 vez, nadar no rio 01 vez, caçar gafanhotos 01 vez e os brasileiros citaram 12, soltar pipa apareceu 01 vez, andar de bicicleta 02 vezes, brincadeiras de rua 01 vez, família rica e família pobre uma vez 01 vez, pique cola 01 vez, comidinha 02 vezes, três cortes 01 vez, , boca de forno 01 vez, peteca 01 vez, , bola de gude ou biloca 01 vez.

O total das brincadeiras citadas foi 116, a maioria com descrições dos procedimentos sobre como brincar. Desta forma, foi possível identificar aproximações e distanciamentos entre os formatos de jogos e brincadeiras. Para Oliveira (2001, *apud*, COSMO; CONTE, 2009) é nas brincadeiras que as crianças constroem e firmam suas relações sociais, pois elas expressam suas emoções, sentimentos, aprendem a ganhar e a perder e criam novas amizades, inclusive enquanto “combinam” as regras e os procedimentos.

Ao analisar as brincadeiras citadas pelos participantes, podemos perceber que as aproximações na maioria, são em relação ao modo de jogar, pois mesmo com nomes diferentes elas são semelhantes tanto no Brasil como em Angola e algumas são iguais tanto no nome quanto na forma de brincar, por exemplo: o futebol, a bandeirinha, pular

corda e cobra cega, o que vem de encontro com as características do jogo tradicional, anonimato, tradicionalidade, conservação, mudança, universalidade e transmissão oral, observadas por Kishimoto (1993).

Das brincadeiras descritas pelos participantes temos 07 brincadeiras angolanas e 09 brasileiras que se distanciam na forma de brincar e no nome, e que por mais que algumas tenham sido citadas apenas em uma das culturas, por exemplo: dama, elástico, pé de lata e amarelinha, sabemos que elas existem nas duas culturas. Kishimoto (1993) afirma que a cada geração as crianças vão brincando com as brincadeiras tradicionais e vão recriando-as, transformando-as em suas próprias brincadeiras e com suas novas regras.

Segundo Marini (2014) as brincadeiras tradicionais estão caindo em desuso e sendo esquecidas pelas crianças por vários motivos, por exemplo: os brinquedos industrializados, a tecnologia avançada, a crescente violência nas ruas e o urbanismo. E isto faz com que as crianças não saiam para vivenciar a experiência de brincar nas ruas e nos terrenos baldios, afirma Cosmo e Conte (2009). Diferente desta realidade no Brasil, em Angola foi possível observar com frequência as crianças brincando nas ruas; com empolgação, elas utilizavam muitos brinquedos e brincadeiras que foram citadas pelos participantes desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Observamos que na cultura angolana, o lúdico tradicional é mais presente que na cultura brasileira, e isto pode ser resultado de alguns fatores como: o pouco acesso que as crianças e a população em geral têm com as novas tecnologias, baixo poder aquisitivo e o próprio meio em que a criança está inserida. Para Marini (2014 p. 14) “a construção do próprio brinquedo e a vivência das brincadeiras tradicionais, traz para criança um prazer significativo, preservando a cultura lúdica tradicional”. Apesar das poucas condições e acesso das crianças angolanas a materiais mais elaborados, observamos que a elaboração do próprio brinquedo é muito significativa para elas.

Já na cultura brasileira enfrentamos o dilema da pouca presença dos jogos tradicionais. O fato é que jogos e brincadeiras tradicionais parecem estar caindo em desuso e até em esquecimento, por causa da urbanização e de suas consequências,

como violência e menos espaços, bem como por conta da influência da tecnologia na sociedade atual, a qual determina novos modos de brincar. Os brinquedos chegam “prontos” até as crianças, a indústria mercadológica dos jogos tem investido na fabricação de brinquedos diferentes, sofisticados que atendem aos anseios de uma geração de nativos digitais, gerando um consumismo exagerado a ponto de prejudicar a criatividade infantil na construção de objetos lúdicos.

Ao observar as duas culturas, foi possível perceber vários elementos lúdicos paralelos entre a cultura tradicional angolana e a brasileira. Percebemos que existe sim uma influência africana, principalmente de Angola no que diz respeito aos jogos e brincadeiras tradicionais brasileiras. Houve semelhança significativa encontrada em alguns brinquedos e brincadeiras como vimos na pesquisa, o que pode ser fruto da influência portuguesa uma vez que tanto o Brasil quanto a Angola, foram colonizados por Portugal quase que simultaneamente.

Os distanciamentos nos levam a crer que os jogos brasileiros receberam fortes influências de outras culturas de diferentes colonizadores.

O resgate dos brinquedos e brincadeiras tradicionais é uma forma de valorizar a cultura de um povo e nossos antepassados e também de refletirmos acerca da construção dos brinquedos que tanto exercitam a imaginação e criatividade de uma criança. Esperamos que o presente trabalho possa instigar reflexões a respeito deste assunto de forma que, no papel de educadores, possamos contribuir neste sentido.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, E.L. **Jogos e Brincadeiras: ontem e hoje.** *Cadernos de história da Educação*, São Paulo, n.4, jan/dez 2005. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/384/365> Acesso em: 27/03/2019.

COSMO, V; CONTE, E. M. T. **Brincadeiras: é preciso eternizar.** In: CASCAVEL, PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1932-8.pdf> Acesso em 08/04/2019.

CUNHA, D. A. **Brincadeiras africanas para a educação cultural.** 1ª ed. Castanhal, PA: edição do autor, 2016. Disponível em: <http://aevdigital.pt/index.php?page=13&id=1138&db=> Acesso em: 27/05/2019

HANSEN, M. A; WEBER, F. **O folclore, o brinquedo e a brincadeira**. Portal do MEC – ministério da educação e cultura. Itajaí, Santa Catarina, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000607.pdf> Acesso em: 20/05/2019.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

KISHIMOTO, T. M. **Cultura lúdica como parte da cultura da infância: culturas de infância e a cultura lúdica**. LABRIMP, CISV - Childrens´play, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305605197_Cultura_ludica_como_parte_da_cultura_da_infancia Acesso em: 07/06/2019.

MARINI, S. M; TEIXEIRA, R. T. S. **Brinquedos e brincadeiras tradicionais e sua contribuição para o ensino/aprendizagem nas aulas de Educação Física**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_u_em_edfis_pdp_sandra_mara_marini.pdf Acesso em: 27/03/2019.

MONTEIRO, C. M. V. R; DELGADO, A. C. C. **Crianças, brincar, cultura da infância e cultura lúdica: Uma análise dos estudos da infância**. Saber e Educar n.19, 2014: educação e trabalho social. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286341343_Crianças_Brincar_Culturas_da_Infancia_e_Cultura_Ludica_uma_analise_dos_estudos_da_infancia Acesso em: 06/05/2019.

RABÊLLO, R. S. **Cultura lúdica e formação de educadores: apontamentos sobre a capoeira angola**. Revista *Entreideias*. Salvador, BA vol.3, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/download/9166/8798> Acesso em: 29/04/2019.

SILVA, T. A. C; GONÇALVES, K. G. F; ARAUJO, M. H. G. **Jogos tradicionais infantis: revivendo o passado e brincando no presente**. In: XXI ENAREL- Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 2009, Florianópolis. XXI ENAREL- Encontro Nacional de Recreação e Lazer. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12023651-Jogos-tradicionais-infantis-revivendo-o-passado-e-brincando-no-presente.html> Acesso em: 15/04/2019.

VOLPATO, Gildo. **Jogo e Brinquedo: reflexões a partir da teoria crítica**. Rev. Educação e Sociedade. Campinas, SP vol.23, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13938.pdf> Acesso em: 25/03/2019.

XIMENES, C. F. L. **Bahia e Angola: redes comerciais e o tráfico de escravos (1750-1808)**. Universidade Federal Fluminense (UFF) Niterói, RJ, 2012. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1398.pdf> Acesso em: 13/05/2019.